

VIAJANTES PELO  
RIO GRANDE DO SUL  
o olhar do outro

*Luiz Antonio de Assis Brasil*

*O* sintagma lingüístico “olhar do outro” imediatamente nos lembra Sartre (... l'enfer, c'est les Autres); lembra também os estudos interculturais da alteridade, tão em moda, e é uma tentação enveredar pelo caminho filosófico – mas essa não é a proposta que nos move. Nossa atenção volta-se, aqui, para o olhar do flâneur, circunscrevendo-o aos estrangeiros quase-cientistas (ou de cientistas de fato) que visitaram (o verbo foi escolhido de propósito) o Rio Grande do Sul no século 19, observados pela perspectiva do escritor que lê outros escritores. De qualquer sorte, se é como diz Christoph Jamme, da Universidade de Lünenburg, que não dispomos, ainda, de uma teoria sobre a “experiência do estranho”, mais ficamos à vontade para uma aproximação algo leiga e, espero, mais agradável.

O território do Rio Grande foi um dos últimos povoados, nominados e reconhecidos pelo europeu. E mais: nascemos para o mundo culto no começo da curva descendente do Romantismo, e esse fato não poderia passar em branco. A intelectualidade européia já estava farta de deleitar-se em sua Idade Média, em seus castelos sobre penhascos, em suas donzelas enlouquecidas sob o clarão da lua, em seus pântanos e seus miasmas. Até mesmo o *Werther* já perdia seu mortal e ambíguo encanto, e ansiava-se por um novo viés de aproximação com o real. Os naturalistas, que viram reconhecido seu *status* acadêmico durante o Iluminismo, estavam ali, com seus bichos empalhados e suas rochas exóticas, prontos a atizar a imaginação dos curiosos. Não havia razão para buscar em épocas passadas os recursos da imaginação, quando tinham uma outra verdade, agora bem mais próxima e acessível, com imensos mistérios pedindo para serem decifrados.

O *Mundus Novus* – e as Américas Central e do Sul, em especial –, assim, veio a calhar; ainda possuía regiões inexploradas, e o pouco sabido insuflava o desejo de maior conhecimento. A Europa civilizava-se, e se o interesse não provinha mais do desejo por ouro e terras, materializava-se em cobiça cultural: era uma outra forma de apreensão, bem mais adequada aos tempos democráticos e comprometidos em causas elevadas, como a proibição do tráfico escravagista. Se o explorador do Quinhentos (e mesmo de séculos posteriores) dominava pela espada e pelo sangue, o conquistador novecentista poderia erigir-se à estatura de um Colombo, Cortez ou Cabeza de Vaca sem correr o risco de vida nos naufrágios – e, em especial, sem maltratar povos pacíficos. Montaigne já dera o tom, muito antes:

*Era um mundo [o Novo] na infância, e o submetemos ao açoite e a uma dura escravidão, mercê de nossa superioridade em armas. Não o conquistamos pela justiça e a bondade, nem o vencemos pela nossa magnanimidade.*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> MONTAIGNE, Michel de. Dos coches. In: *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção OS PENSADORES) p. 413.

Em sua época, o ensinamento não ressoou; no Romantismo, porém, foi revitalizado com toda a força. O lápis de desenho e a prancheta, ou ainda, o caderno e a caneta com seu tinteiro, eram instrumentos nobres numa época em que Beethoven, ao ser indagado se o “van” de seu nome indicava pertencer à aristocracia, respondeu possuir seu brasão nobiliárquico plasmado em seu próprio talento.

Nesse contexto de exploração *inocente*, Humboldt, esse fruto tardio da Revolução, que estava no Campo de Marte entre aquela multidão que comemorava o primeiro aniversário do *14 de Julho*, foi exemplo. Dotado de necessária fantasia e espírito sensível, e imbuído dos ideais de *Fraternidade-Liberdade-Igualdade*,

meteu-se numa longa viagem marítima, recolhendo documentos representativos da flora, da fauna e dos tipos humanos das Américas, numa espécie de folhetim de *faits-divers* apresentado em grande estilo literário, sabedoria estética e impecável rigor. Não foi o primeiro a fazer isso, mas foi o primeiro a atingir um grande e voraz público; teve o tirocínio de apresentar suas conclusões numa linguagem que se destinava tanto ao apreciador culto como ao homem do povo. Dele falou Charles Darwin: “*Sempre o admirei; agora o venero. Pois só ele dá uma idéia dos sentimentos que brotam ao se pisar pela primeira vez os Trópicos*”. Humboldt chegou a ser considerado um segundo Colombo, e não é por nada que sua estátua, em Berlim, frente à universidade que leva seu nome, tem a seguinte inscrição: *Al segundo descubridor de Cuba/ La Universidad de La Habana, 1939*. Já não eram os relatos duros e bárbaros como os de Pigafetta ou de Hans Staden, esses antigos, mas de uma verdadeira obra de arte, escrita com a razão e delicada emoção, alguém que falava a doce linguagem contemporânea, e que – ótimo! – tinha o aval acadêmico.

O mundo então conheceu maravilhas *domesticadas*; se as cartas de Américo Vespúcio diziam não possuir palavras para designar o mundo feérico que via, Humboldt as tinha, e em grau superior. Ademais, já se conhecia por atacado as novas terras além do Atlântico; agora era refinar o conhecimento, assim como o *gourmet* que sempre está à busca de novas receitas para saciar seu gosto exigente. Jovens – *et pour cause* –, em geral com algumas posses ou amizades influentes, com gosto pela natureza (não se esqueça que a *Sinfonia Pastoral* é desse tempo), consideravam que as Américas poderiam colocá-los no Panteon dos cientistas e, ao mesmo tempo, dos escritores. Claro: não tinham o conhecimento universal de Humboldt, mas seu vigor era incansável. Munidos de livros classificadores dos seres vivos, especialmente de Linnaeus, vinham para cá na expectativa de trazerem à luz novas plantas, novos animais e, se tivessem sorte, incluir seus nomes nas categorizações aceitas pela Academia.

O olhar desses homens era, ao mesmo tempo, científico, amador e aventureiro; nada como divertir-se e, ao mesmo tempo, ganhar fama e colaborar para a ciência. Na verdade, não estavam bem seguros do que queriam, o que explica seus interesses cambiantes, voltados ora para a botânica, para a geologia, para a vida animal, para a sociologia, ora para a crítica de costumes – mas queriam algo, tinham um desejo indefinido de consagrar seus nomes. Vinham com um modelo, que era o europeu – aliás, não conheciam outro. O parâmetro, assim definido, seria a segura medida, disponível a todo instante. Traziam vários cadernos em branco, para suas notas – os *notebooks* da época – pois tinham certeza de que seus apontamentos iriam virar livro impresso; faltava-lhes o ideal político

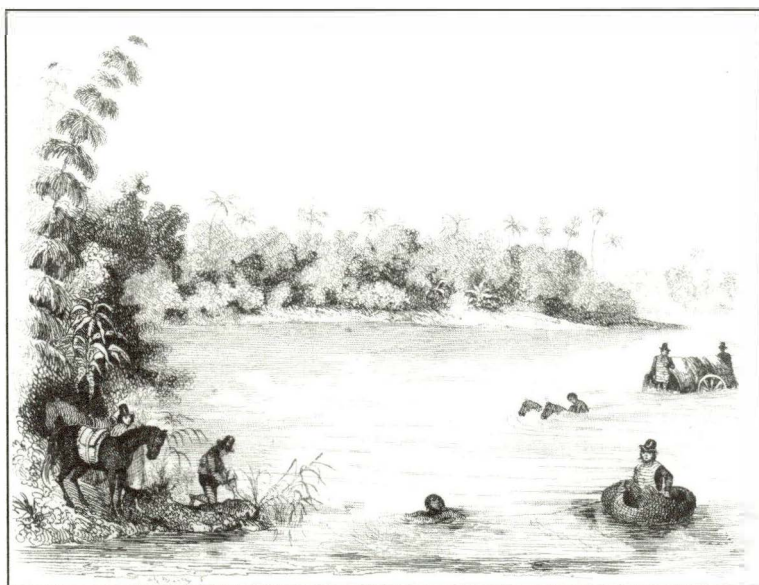
co-filosófico de Humboldt – mas alguns se atreveram a sinalizar novos tempos, em apontamentos periféricos; outros, contudo, manifestam inegável reação às doutrinas modernas que se alastravam pela Europa.

Não se esperem ideologias ou intrincadas conclusões teóricas; eram homens que mal sabiam disfarçar suas carências intelectuais sob um manto de notas que deixariam ao leitor, em tese, as reflexões universalistas. Nunca os enxergamos ir além de seus limites e, a bem dizer, seus textos podem parecer simplórios: por grande ventura, o destinatário desses livros era o consumidor dos novíssimos magazines, o passeante domingueiro dos boulevares, o possuidor de um obrigatório *Baedeker*, o que tinha em casa sua pequena coleção de artrópodes, este leitor que, pouco tempo depois, viria a extasiar-se com as obras de Júlio Verne ou, mais tarde, embasbacar-se com festas da Exposição Internacional. Havia, no ar, uma espécie de diletantismo rico e pernóstico, justificado sob a vaga denominação de “ciência”. O quadro era propício, pois. Restava, agora, alçar vôo.

As viagens, à época, embora já sem os piratas, os naufrágios e os canibais de outrora, eram bastante desconfortáveis. O mar sempre a jogar as embarcações, os campos e montanhas que não possuíam estradas, as vilas que não conheciam calçamento, as casas de chão batido. Lendo esses relatos, porém, fica-se com a impressão de que gostavam desses percalços, tal como acontece hoje com os participantes do rali Paris-Dakar. Comprazem-se em descrever a odisséia que era atravessar córregos e selva; adoravam passar frio e fome, e tinham um gosto muito especial em ficarem moídos depois de dias em lombo de cavalo. O luxo do exotismo superava as agruras e dava-lhes um chique todo especial. Já se sabe, portanto: estão a todo instante a resmungar como crianças mimadas, e cabe a nós sorrir e ir adiante: afinal, não vieram enganados quanto à realidade que encontrariam.

Não ignoramos que a generalidade dos estrangeiros que viajaram ao Rio Grande do Sul era inculta ou não possuía qualquer visão histórica. Dirigiram-se para cá por razões utilitárias tais como o comércio (portugueses em geral, que se estabeleciam nas cidades), a guerra (os soldados Brummer), a política (Tito Lívio Zambeccari). Outros, porém, podem ser catalogados na série dos *aventureiros-biólogos*, e ocuparão as linhas seguintes.

É importante que se registre o fato de que esses últimos não faziam viagens por exclusivo ao Rio Grande; a nossa Província era uma passagem, ou, como no caso de A. Baguet, a porta de entrada. Essa atitude é compreensível, se considerarmos a nossa pouca densidade demográfica e a imensa monotonia do pampa, sem maiores atrativos. Quanto às demais regiões, como a Serra ou o Planalto, eram inacessíveis mesmo para os autóctones.



Travessia de um rio em viagem pela América do Sul  
de M. A. D'Orbigny, 1836.

<sup>2</sup> AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980. Trad. Teodoro Cabral.

BONPLAND, Aimé. *Journal voyage de Sn. Borja a la cierra y a Porto Alegre* [sic]. Porto Alegre: Instituto de Biociências [da UFRGS], 1978. [Transcrição do original]

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Museu Júlio de Castilhos, 1946. Trad. Dante de Laytano.

BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Paraula/Edunisc, 1997. Trad. Maria Alves Müller.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins, 1987. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa.

Dentro desse espírito, visitaram-nos na primeira metade do século 19 alguns intelectuais que, se não tiveram a nomeada de Humboldt, impressionam pelo número: Avé-Lallemant, Aimé Bonpland, Arsène Isabelle, A. Baguet e o mais notório de todos, Auguste de Saint-Hilaire.<sup>2</sup> Cada qual tinha seu modo próprio de encarar a realidade circundante: se Bonpland e Saint-Hilaire eram mais *científicos*, Baguet, Lallemant e Isabelle não disfarçavam seu amadorismo, mantendo-se na desculpável condição de turistas algo tocados pela ciência. Todos, ao voltarem a seus países de origem, publicaram obras que, entre nós, saíram no mercado editorial sob títulos triviais como *Viagem ao Rio Grande do Sul*, embora essas *viagens* possam ser apenas uma fatia da obra original. Não por acaso, quase todos são francófonos, o que se explica por algumas condicionantes históricas (nossas boas relações com a França pós-napoleônica) e do estado das ciências: era a França, junto com os Estados germânicos, os detentores do maior saber científico, ou pelo menos, eram as nações que encontravam melhores vias de comunicação com a *intelligentzia* cosmopolita e acadêmica.

Em comum a todos esses relatos encontramos um olhar fortemente eurocêntrico, isto é, procuravam aproximar-se de nós com uma indisfarçável curiosidade, mas temperada com a sólida consciência de que eram superiores, superioridade esta derivada do alcance espiritual e material de suas respectivas pátrias. Saint-Hilaire, por exemplo, não se conforma com a ausência de confor-

to nas casas batidas pelo Minuano, mesmo nas residências mais ricas, quando o mais humilde camponês da França acendia um fogo para aquecer-se.



Auguste de Saint-Hilaire.

São imediatamente acolhidos pela nata social, que nas cidades era constituída pelos comerciantes dedicados à importação-exportação e, nos campos, pelos grandes estancieiros. Quanto aos primeiros, nossos viajantes louvam-lhes o conhecimento da língua francesa (naturalmente), os hábitos refinados (exceto a falta de lareiras) e a curiosidade pelo estrangeiro (duas curiosidades concorrentes: a de quem via e de quem era visto). Todos se espantam de que haja concentrações urbanas como Porto Alegre e, em relação à capital da Província, admiram-se de sua deliciosa implantação às margens do Guaíba. Reclamam da quantidade de negros e arraia-miúda perambulando pelas ruas centrais, mas a imagem final é satisfatória.

Em geral ficavam bem hospedados – o qualificativo deve ser relativizado – e no ambiente rural eram-lhes destinados os *quartos dos hóspedes*, que nas estâncias ficavam num dos oitões das casas, com acesso exclusivamente pelo lado de fora (isto é: bem vindos, bem vindos, famílias à parte). O modo gaúcho de

receber era bem peculiar, pois os estancieiros não eram dados a efusões superficiais; se o hóspede estava bem instalado, com boa cama sem percevejos e com um cobertor para as invernia, nada mais precisava. (Pensando em nossa realidade contemporânea, parece que não mudamos muito). Os visitantes não deixavam de espantar-se de nossa frugalidade, refletida na indumentária; há quem faça o registro seguinte: se chegar a uma porteira e encontrar ali um homem em andrajos, quase um miserável, é bom ir tirando o chapéu e ir fazendo um cumprimento, pois é quase certo que ali está o dono daquelas imensidões de léguas de campo.

As mulheres do campo não lhes passaram despercebidas: invariavelmente louvam-lhes a beleza e os grossos anéis e colares de ouro, mas lamentam que seus pais, maridos e irmãos as mantenham nos fundos das casas, não permitindo que se juntem à conversa da sala. Arsène Isabelle, entretanto, diz que não é para se enganar com as nossas damas rurais; embora vivendo em meio às suas criações de gado e dedicadas a alguns rudes afazeres, não perdem jamais uma certa elegância natural e uma inegável sensibilidade. Já Baguet relata-nos que em São Gabriel – um meio urbano, portanto – as filhas do dono da casa fizeram-lhe uma sessão privada de piano e que uma delas, depois, não teve o menor acanhamento em dançar um erótico *paso* espanhol, acompanhada por castanholas. Saint-Hilaire também registra que nas cidades é dada grande liberdade às mulheres, podendo juntar-se às conversas e encantando com suas aptidões musicais e coreográficas. Esse tipo de conduta, naturalmente, era encontrada apenas no meio citadino; o mesmo Saint-Hilaire lamenta que na Campanha, as mulheres não passam de primeiras escravas da casa.

Quanto às classes subalternas, é interessantíssimo constatar que o olhar do estrangeiro imediatamente se confunde com o da classe dominante (afinal, os viajantes pertenciam à aristocracia, ainda que intelectual). Saint-Hilaire considerava os escravos das charqueadas como seres cheios de vícios e que precisavam ser tratados com muita energia – mas tinha uma visão mais benévola em relação aos escravos das estâncias pois na pseudo-democracia campestre, estes viviam mais próximos de seus senhores, possivelmente assimilando-lhes as boas qualidades.

A comida era um drama. Tanto nas cidades como no campo, a carne imperava, e as verduras eram desconhecidas. Quando muito alguns legumes, elaborados de forma grosseira.

De um modo uniforme, lamentam-se explicitamente de que o Brasil, sendo o país tão rico, esteja tão desalinhado do progresso mundial. Nas entrelinhas, que é a verdade dos textos, transparece uma reprovação ao estilo português de administrar, e Baguet é bem claro quando atribui nossos males à Pátria-mãe (e também à nossa preguiça, derivada talvez do clima...).

Tem seu encanto constatar a ingenuidade desses meteóricos viajantes, sempre acreditando no que lhes dizem (exceto, talvez, Saint-Hilaire, mais cético); nós, que nos conhecemos bem, sabemos o quanto foram vítimas de histórias fantasiosas. Isso não lhes tira uma capacidade espantosa de observação e, num espírito de Rousseau tardio, todos insistem em descrever simpaticamente a figura do gaúcho típico, elogiando sua capacidade de montar e de laçar, mostrando o quanto vivem esses rústicos num estado de liberdade bem próximo dos primórdios da Criação. Sempre há uma descrição de belas cavalgadas pelo pampa, e um outro estrangeiro lembrará com saudades dos cavaleiros gaúchos.

Percorre esses relatos um elogiável esforço de recuperação dos elementos da natureza; sempre há descrições de espécimes vegetais (mais do que as outras ciências, a botânica estava em alta, no Romantismo), e Aimé Bonpland, talvez o mais sério de todos, brindou-nos com desenhos razoáveis da flora rio-grandense. Foi, esse, um verdadeiro interessado, tanto que morou por muito tempo na vila de São Borja, e apenas por um acaso (estava ausente no momento) A. Baguet não se encontrou com ele, o que nos privou de um diálogo memorável que seria obviamente referido por ambos.

Algo importante, e que nos obriga a pensar, é a forma como desgostavam de nossa distribuição de terras, e Saint-Hilaire, nomeadamente, deplora a existência de latifúndios improdutivos e a pouca importância dada à agricultura. De um modo ou de outro, esse é um *leitmotiv* encontrável em maior ou menor grau em todos eles. Alguns aventuram-se a dar explicações, mas a maioria cala-se, debitando à fatalidade esse quadro desfavorável.

Ao fim de seus périplos, estavam carregados de espécimes geológicos, botânicos e animais, que esperavam – e nem todos o conseguiram – classificar melhor no retorno. O mais bem sucedido desses foi Saint-Hilaire, que chegou a dar informações detalhadas sobre mais de cem espécies de peixes, répteis, pássaros e insetos, constituindo uma coleção apreciadíssima na França. Por outro lado, foi um dos mais atilados observadores dos aspectos sociológicos da Província, tecendo curiosos comentários sobre o destino dos índios guaranis, outrora catequizados pelos sacerdotes jesuítas, e naquele tempo já dispersos.

De tudo o que vimos, nota-se que os viajantes ao Rio Grande do Sul, no período estudado, eram homens que detinham plena e cândida consciência de que eram superiores, seja no progresso científico, seja na evolução dos costumes; quanto a nós, consideram-nos um povo bem intencionado, generoso, elementar, dotado de uma bela e invejável natureza, e que entretanto possui desigualdades visíveis. Já a nossa História, bem – esta ainda se encontra no futuro.

Se alguém neste instante se lembrou do que diziam nossos professores do primeiro grau, não o foi por acaso.